

Centro Ruth Cardoso
Ciclo Juventudes
Comitê Sociabilidades
Constituição de coletivos de jovens

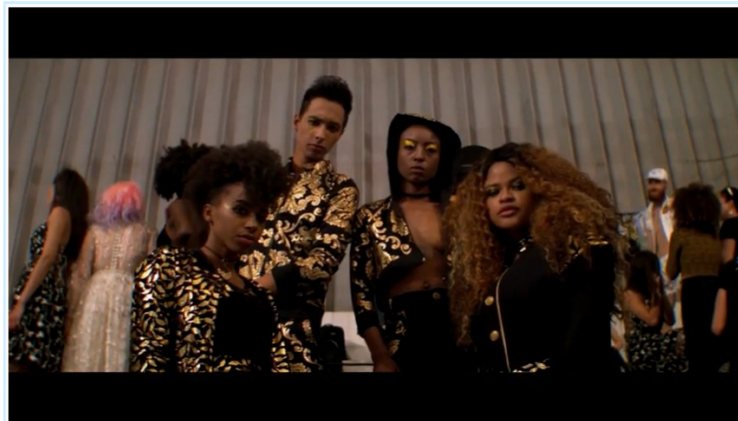
*A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é **Juventudes**, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.*

*Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate **Constituição de coletivos de jovens**, realizado em 22 de julho de 2021, no âmbito do **Comitê Sociabilidades**.*

CONVIDADOS

- **CLEITON FOFÃO:** é ativista do bairro de Perus, em São Paulo (SP), cofundador e coordenador da Comunidade Cultural Quilombaque e da Queixada Agência de Desenvolvimento Ecocultural e Turística, além de articulador do projeto Usina de Valores, do Instituto Vladimir Herzog;
- **DINAS MIGUEL:** é idealizador e organizador do projeto social Cultura e Conceito, além de ministrar *workshops* de graffiti e trabalhar como arte-educador em projetos de empresas e instituições da área da Educação. Em 2018, recebeu da Câmara Municipal de São Paulo o Prêmio Sabotage como melhor grafiteiro;
- **JULIA ROSSI:** é cofundadora da plataforma Memória Ambiental e articuladora de parcerias com movimentos sociais, lideranças comunitárias e fundações para a construção de projetos sobre mudanças climáticas no contexto urbano. Integra a equipe do eixo de Desenvolvimento Territorial da Redes da Maré;
- **THIAGO HENRIQUE KARAI DJEJUPE:** é ativista e liderança guarani do Território Indígena Jaraguá, em São Paulo (SP);
- **BAIXO RIBEIRO (mediação):** é fundador do Choque Cultural, centro de pesquisa e inovação nas artes visuais que promove movimentos artísticos periféricos e a inclusão de novos públicos no circuito da arte contemporânea. Em 2011, fundou o Instituto Choque Cultural, dedicado à pesquisa e ao desenvolvimento de novas metodologias educativas por meio da arte. É membro do Conselho Consultivo do CRC.

INSPIRAÇÃO PARA O DEBATE: *no início de cada encontro, uma obra audiovisual para instigar à reflexão*



Visionários da Quebrada

Vídeo: *Visionários da quebrada*

Autoria: Ana Carolina Martins

Ano: 2018

Sinopse: Personagens de várias quebradas de São Paulo nos guiam ao encontro de outros olhares sobre pessoas, filosofias, práticas e relações produzidas nas periferias da cidade. As histórias contadas por seus próprios protagonistas criam novos imaginários e narrativas sobre os saberes das periferias relacionados a moda, educação, gastronomia, dança, comunicação, entre outros temas. E revelam a potência de pessoas extraordinárias que, na construção cotidiana, fortalecem valores que promovem mudanças em suas comunidades.

Link: <https://bit.ly/3rPPxtA>

"O início do vídeo me marcou bastante, quando o jovem fala que a invisibilidade dele é a invisibilidade dos seus pais. Ter voz é dar essa visibilidade." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Quais são os códigos e as regras que fazem com que os jovens participem do jogo nas redes sociais não apenas como consumidores, mas como produtores de conteúdo?
- Como os conteúdos das redes sociais circulam na vida social dos jovens?
- Quais temas envolvem os jovens para a discussão (exemplos: sexualidade, aborto etc.)?
- Como podemos articular e fortalecer redes?

- Como trazer os jovens para a atuação política e o engajamento comunitário?
- Considerando que as redes sociais compõem a vida social dos jovens, como elas podem ser utilizadas pelos movimentos, coletivos e organizações para se fazerem presentes nesses espaços de socialização das juventudes?
- Para além das redes sociais e das interações *on-line*, qual é a importância da mobilização feita no “corpo a corpo” dentro dos territórios?
- De que forma os coletivos, ao defenderem direitos, extrapolam seu território e estabelecem um diálogo com a política institucional, esfera em que as políticas públicas são definidas?
- Como dar à periferia a centralidade necessária?
- Se, de um lado, é preciso fortalecer as redes que trabalham por uma sociedade mais igualitária, como enfraquecer, de outro lado, as redes que mobilizam jovens em torno de posições misóginas, racistas e vinculadas à extrema-direita, que ganharam tração nos últimos anos por meio da Internet?
- Nos movimentos estudantis de ocupação das escolas públicas em São Paulo, em 2015, chamou atenção o fato de os jovens não quererem mais ser representados, mas sim ter a própria voz, o que vai ao encontro da força das redes sociais entre as juventudes. Como construir pontes entre as instâncias mais formais e hierárquicas, como escolas e organizações sociais, e o trabalho em rede que se dá nos territórios? De que forma os coletivos têm organizado suas instâncias de decisão e representação?

DEBATE

A POTÊNCIA DA ATUAÇÃO EM REDE

- Por que articular e fortalecer redes?
 - Pertencimento: principalmente para os jovens, sentir-se parte de algo é fundamental para sua mobilização e engajamento;
 - Troca de referências: as soluções desenvolvidas por um coletivo podem ser replicadas por outro na resolução dos problemas de seu próprio território;
 - Articulações multissetoriais: projetos construídos a partir da reunião de diversos atores – coletivos, artistas, comunidade, poder público – são mais sustentáveis no longo prazo;
 - Fortalecimento financeiro: importância de estimular a economia local e a geração de renda dos moradores, não de uma perspectiva mercadológica, mas sim de desenvolvimento territorial;

- Proteção contra violências: ecoar as denúncias de violações de direitos nos territórios é fundamental para a segurança das populações vulneráveis (exemplo: Rede de Proteção e Resistência Contra o Genocídio).

"O coletivo Cultura e Conceito surge em 2009. Até hoje não tem um espaço cultural no território, as movimentações que acontecem são por luta e força nossas. Aí, pensei: 'Vou construir um projeto, convidar algumas pessoas para grafitar, chamar outras para fazer um som'. É uma oportunidade de os artistas estarem juntos e de a população se banhar de cultura. A ideia é sempre reunir vários coletivos e também o poder público, os comerciantes do entorno, a comunidade." – DINAS MIGUEL

"No momento, estou na Terra Indígena do Rio Pequeno, em Paraty (RJ). O território foi reconhecido em 2017, seguindo os ritos legais da Constituição, mas desde então pessoas de fora do país adquiriram lotes aqui dentro. Há caça predatória aos animais silvestres, desmatamento e venda ilegal de madeira, exploração das nascentes. E a própria prefeitura incentiva uma violência muito grande contra a comunidade. Pessoas invadem durante a noite para dar tiro, colocar fogo em resposta a ações de fiscalização. O vice-cacique foi assassinado por conta desse atrito da demarcação e a atual vice-cacique vem sendo ameaçada. Como são poucas pessoas aqui, a gente tenta fazer um revezamento e registrar com o aparelho celular para provar para o não indígena o quanto é violenta a ação dessas pessoas e para exigir providências dos órgãos competentes, porque direito é uma conquista, não é ideologia. Nós somos cidadãos como qualquer outro." – THIAGO DJEKUPE

"Ouvir todos esses depoimentos me dá uma enorme esperança de que temos um potencial gigantesco de transformação, e esse potencial poderá acontecer na medida em que os convidados e outros milhares mais que estão fazendo trabalhos semelhantes tenham a possibilidade de atuar em conjunto. Porque, apesar de serem realidades diferentes, causas diferentes, temáticas diferentes, o objetivo é um só, que é construir uma sociedade melhor e mais justa." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- Redes ancestrais: entendimento da ação política dos jovens como um legado de luta deixado por aqueles que vieram antes e como uma forma de honrar as memórias do território.

"É por isso que a gente sempre trabalha um fortalecendo o outro: isso é uma vivência da construção da periferia. Os mutirões de encher laje, de cavar poço para ter água na comunidade. Quando a gente se assume como um sujeito periférico, isso vem do movimento hip hop da década de 1990. Isso se desdobrou no tempo, e a gente parte desses processos." – CLEITON FOFÃO

"A minha história é de resistência, como a de todos os povos indígenas. Talvez um pouco mais difícil por estarmos na maior metrópole do país, uma selva de pedras onde todos os governantes que passaram só fizeram homenagens aos nossos assassinos e avançam contra os nossos territórios sem compromisso algum com a floresta, com as águas, com a

espiritualidade, com o futuro das nossas crianças. Mas eu faço parte de uma resistência ancestral, que nos permite até hoje estar em contato com a terra, protegendo e se entendendo como natureza.” – THIAGO DJEKUPE

- “Arte pela arte, nunca não”: os fazeres na arte e na cultura como formas privilegiadas de mobilizar redes e pessoas na reivindicação por direitos e no desenvolvimento dos territórios;
 - “Quem faz a política são todas as pessoas”: esforços de ampliar imaginários e trazer a comunidade para o debate político por meio do “encantamento” dos processos artísticos, em uma tentativa de cobrir déficits mais amplos de entendimento sobre como a política institucional se organiza e o lugar dos cidadãos nela – informações que deveriam ser parte da grade curricular da educação básica;
 - “Visão holística”: é preciso articular as diversas dimensões da vida coletiva para dar conta dos desafios sociais, que não são possíveis de se resolver somente pelas ferramentas da arte e da cultura.

“A gente é um coletivo político, as nossas ações são todas políticas. Quando a gente faz uma denúncia de violação de direitos a partir da segurança pública, isso é uma intervenção política. A partir do momento em que a gente leva o que rege a Comunidade Quilombaque, que são os tambores, e começa a ecoá-los, é uma ação política, porque a gente está trazendo a nossa ancestralidade e fazendo um enfrentamento direto à questão racial.” – CLEITON FOFÃO

“Nada acontece separadamente. A gente ouve muito falar: ‘A arte salva, a arte salva, a arte salva’, mas a arte, por si só, não salva. Não adianta eu dar uma oficina, fazer algo grandioso, e a criança chegar na minha formação com fome ou sendo espancada pelo pai. Isso exige políticas públicas.” – DINAS MIGUEL

- “A realidade bate na porta”: mais do que os ruídos da Internet e as discussões ideológicas genéricas, a realidade física vivida no território se impõe em suas demandas, mas também nas potências representadas pelos projetos e ações de mobilização coletiva.

“Sem dúvida, a Internet acelera um tipo de mobilização menos engajado com o território e mais engajado com assuntos gerais. Isso acabou dando muito força a conteúdos e ideias que não necessariamente se solidificam no território. Quando falamos em território, estamos falando do nosso vizinho, da nossa vizinha, estamos vendo que estão sofrendo e queremos melhorar a vida deles. O território traz não só uma urgência, mas um caráter físico do problema que a Internet simplesmente ignora. Mas o território traz também a solução. Você consegue unir pessoas, e essa união consegue fortalecer e fazer coisas, trazer leis, trazer recursos. Fala-se muito na Internet, e é muito fácil você se perder na globalidade e na monstruosidade dimensional que ela tem. O físico é o que nos traz certa sensibilidade a respeito do mundo em que vivemos e de como podemos agir.” – BAIXO RIBEIRO

- Uso das redes sociais e demais ferramentas da Internet como um caminho para articular, mobilizar e fortalecer redes, em especial diante do distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19;
 - Jovens como produtores, e não meros consumidores, de conteúdo *on-line*;
 - Redes sociais permitem que os jovens criem seu discurso e sua forma de se colocar no mundo a partir de comuns, ou seja, de outros jovens que compartilham da sua cultura, cotidiano e identidade.

"O que faz o jovem produzir conteúdo, e não só consumi-lo, é a ligação com a própria cultura, com a própria religião, com a própria filosofia. Isso se relaciona ao engajamento pela reivindicação de direitos, pela mobilização da sua comunidade – ou seja, uma produção de conteúdo a partir da criação de novas narrativas que não estão nas grandes mídias, que não estarão nos livros didáticos e que precisam ser construídas. Além disso, a Internet e as redes sociais são um meio de os jovens gerarem seus próprios recursos e empreendimentos. A gente vê que a visibilidade de alguns jovens que se tornam influenciadores ajuda também na capilaridade das suas ações, na obtenção de recursos."
– JULIA ROSSI

"Nós temos mobilizadoras que conversam com os jovens diariamente pelo WhatsApp. Às vezes, a mobilização é você mandar uma mensagem, perguntando: 'Oi, e aí? Como você tá? O que você achou do encontro?'. Com certeza, antes da pandemia o curso era outro, a gente não falava tanto sobre as redes sociais, era só um meio de divulgar os eventos. Hoje, estamos mais preocupados em pensar como produzir um conteúdo nessas redes que possa sair dessas telinhas, que a gente possa compartilhar para outros jovens e pulverizar isso. A pandemia não vai acabar, ela vai se transformar, então teremos de realmente investir na comunicação nas redes sociais."
– JULIA ROSSI

POR QUE DAR PROTAGONISMO ÀS JUVENTUDES?

- Quando colocadas no centro das ações e das tomadas de decisão, as juventudes trazem um dinamismo que é fundamental para a atuação no século XXI;
 - "Certo estigma em relação às ONGs": importância de mobilizar os jovens em torno de temas que consideram de fato relevantes para a sua vivência, e não algo imposto de fora para dentro (exemplos: drogas, segurança pública, saúde mental).

"O Complexo da Maré é formado por 16 favelas. Existem associações de moradores, mas entendemos que precisávamos de lideranças jovens, porque as lideranças das associações são de outra geração, têm outra dinâmica, outro pensamento. Então, a Redes da Maré passou a se aproximar desse público, para além do curso pré-vestibular, que foi como a Redes começou como uma forma de mobilização e articulação territorial."
– JULIA ROSSI

- Jovens nascidos e criados no território têm pleno domínio das necessidades e das potencialidades da região;
 - “A periferia é o centro”: é preciso descentralizar orçamentos públicos, oportunidades de trabalho digno e demais condições de vida para viabilizar o desenvolvimento territorial pelo qual os jovens se mobilizam;
 - “Atravessadores”: gestão de equipamentos públicos acaba nas mãos de indicados políticos de vereadores que desconhecem o território e ignoram tudo o que a comunidade vem desenvolvendo;
 - Intervenção na política institucional por meio da construção popular de políticas públicas (exemplos: Lei de Fomento à Cultura da Periferia, estudos do orçamento municipal e participação em plenárias para reivindicar destinações orçamentárias, elaboração de decreto para reconhecer espaços públicos ociosos que foram ocupados por coletivos de cultura);
 - Necessidade de órgãos e equipamentos públicos apoiarem artistas e coletivos locais: é comum que recursos públicos sejam destinados a figuras consagradas que trarão público e visibilidade maiores para os eventos, mas que não têm conexão com o território.

“Em 2011, abrimos uma universidade livre colaborativa no território e escrevemos uma proposta que foi aprovada no Plano Diretor de 2014, que é o Território de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP). O TICP tem a perspectiva de pensar um instrumento urbanístico de gestão compartilhada com os moradores. Apesar de ter sido aprovado, o TICP não teve encaminhamento. Mas nós somos discípulos do grande mestre José Soró, que nos deixou o ensinamento da ‘sevirologia’: se a gente tem, a gente faz; se a gente não tem, a gente se vira e não deixa de fazer.” – CLEITON FOFÃO

“Você pode ter lideranças que às vezes influenciam, como os influencers de Internet, mas são influências pouco sólidas. Hoje você está influenciando, amanhã não está mais. Muda a moda, muda o tipo de influência. Os convidados deste debate têm influência física no território. As pessoas os conhecem e traduzem grande parte do seu próprio engajamento nas causas em função do que eles representam. É fundamental fortalecer o desenvolvimento desse tipo de liderança e fazer com que esse bolo continue a crescer, apesar das dificuldades que temos hoje no governo central.” – BAIXO RIBEIRO

- Dar protagonismo às juventudes passa por fortalecer as iniciativas desenvolvidas por elas mesmas;
 - Jovens têm ideias e a iniciativa de realizá-las, mas nem sempre têm a oportunidade para concretizá-las ou o domínio das etapas e dos trâmites para tirá-las do papel da melhor maneira;

- “Um trabalho como qualquer outro”: se não conseguem se sustentar financeiramente, as juventudes dedicadas ao ativismo acabam obrigadas a deixar a militância;
- Conectar o “macro” e o “micro”: muitos projetos desenvolvidos por jovens em seus coletivos dialogam diretamente com agendas mais abrangentes, como a Agenda 2030, sem que tenham consciência disso;
- Caminhos possíveis de apoio às iniciativas jovens: chamadas públicas de projetos para mentoria e colaboração (exemplo: Lab Semente, da Redes da Maré); criação de fundos, editais e financiamentos que sejam verdadeiramente acessíveis aos jovens; desenvolvimento de mecanismos por meio dos quais os jovens falem por si mesmos, e não via intermediários; ampla divulgação das ações realizadas pelas juventudes.

“Os jovens têm muita força de vontade, muito compromisso, muito engajamento, mas às vezes desconhecem como captar recursos, como organizar sua comunicação, como falar para quem. Isso é algo que temos trocado muito.” – JULIA ROSSI

- Responsabilidade: é preciso ter ciência dos atritos e desafios inerentes ao trabalho com as juventudes;
 - Garantia de redes de apoio à saúde mental dos jovens que têm uma atuação política em territórios em situação de vulnerabilidade;
 - Construção de espaços de socialização em que os jovens se sintam seguros e confortáveis para se expressarem e se ouvirem;
 - Qualificação e formação adequada das equipes que apoiam as juventudes;
 - Uso de uma linguagem que seja acessível e fuja do “juridiquês”, mas que ao mesmo tempo dê aos jovens o repertório necessário para a reivindicação de direitos;
 - Fortalecimento de redes e espaços de troca pautados na empatia, no cuidado e na reciprocidade.

“Para além de o meu trabalho falar de ancestralidade, de povos indígenas, de povos africanos, antes disso e na raiz disso eu digo que meu trabalho fala sobre amor, sobre afeto, sobre humanidade. Colocar-se no lugar do outro. Isso é meio ambiente. A gente fala de meio ambiente e pensa na planta, na Amazônia, em resíduos sólidos, mas meio ambiente somos nós, é a forma como a gente está aqui cultuando e apreciando a fala do outro, olhando nos olhos, tendo um cuidado. Isso faz o meio em que nós convivemos. E assim seguimos.” – DINAS MIGUEL



Mural de Dinás Miguel no Jaraguá, em São Paulo. Fonte: facebook.com/migueldinas

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- Coletivo Cultura e Conceito, projeto que reúne coletivos e artistas em torno da promoção da arte e da revitalização de espaços: <https://bit.ly/37wyH9F>
- Comunidade Cultural Quilombaque, organização que atua na região noroeste da cidade de São Paulo, em especial no bairro de Perus: <https://bit.ly/3lRXrl1>
- José Soró, educador e ativista cultural, falecido em 2019: <https://bit.ly/3lY7W6m>
- Lei de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo (nº. 16.496, de 20 de julho de 2016): <https://bit.ly/3fSpg9b>
- “Lokomotiva da Vida”, canção do grupo de rap Clã Nordeste que inclui o verso “Arte pela arte, nunca não”: <https://bit.ly/3s4q3Jb>
- Movimento Cultural das Periferias, iniciativa que articula politicamente coletivos, artistas, agentes culturais e movimentos periféricos da cidade de São Paulo: <https://bit.ly/2X6blQQ>
- Muda Maré, projeto de educação ambiental e agricultura urbana no Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro (RJ): <https://bit.ly/3lRpCkq>
- Ocupação Artística Canhoba, espaço cultural organizado por coletivos culturais do bairro de Perus (SP) em um prédio público abandonado: <https://bit.ly/3CuHzep>
- Ocupação Casa Hip Hop Perus, centro cultural dedicado ao hip hop instalado em um equipamento público abandonado no bairro de Perus (SP): <https://bit.ly/3xzJjzd>



- Redes da Maré, organização da sociedade civil que trabalha pela efetivação de direitos e políticas públicas nas favelas que compõem o Complexo da Maré (RJ): <https://bit.ly/3s6elrM>
- Territórios de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP), instrumentos de gestão urbana organizados por iniciativa popular: <https://bit.ly/3xB5oxi>